



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dor, sujei??o e ativismo em um coletivo de m?es de v?timas de viol?ncia estatal

Autoria: M?rcia da Silva Pereira Leite

Durante alguns anos, pesquisando coletivos de m?es de v?timas de viol?ncia estatal no Rio de Janeiro, valorizei em meus works a categoria que as ?m?es? empregavam no espa?o p?blico para mobilizar e legitimar seus coletivos e suas a??es pol?ticas: a ?dor da perda?. Dor generificada (Das, 2008) a partir da viv?ncia dessas mulheres nos quadros da sociedade brasileira (?a m?e sofre mais...) e explicada com o recurso a Gertz (1978) e aos ?la?os primordiais?. Mas, acompanhando esses coletivos, me saltava aos olhos a inscri??o dessa dor nos corpos das ?m?es?. Todas tinham ?problemas de sa?de?. Muitas, problemas no aparelho reprodutivo e/ou press?o alta, problemas card?acos e diabetes ? ?s?o as dores do trauma?, diziam. Essas falas se davam em conversas privadas, nos encontros antes e depois dos atos p?blicos, preparando-os, ou comentando-os posteriormente. Nunca as abordei, considerando que contrastavam fortemente com a imagem da ?m?e guerreira?, que tem certeza da injusti?a praticada pelo estado contra o filho, e que constitu?ia um elemento importante do repert?rio acionado na ?luta? (Vianna e Farias, 2011; Vianna, 2014). Pretendo agora aprofundar um movimento em que tenho buscado me debru?ar sobre a quest?o e trat?-la nos m?ltiplos planos em que nos convoca a pensar (e a agir): como a dor ? inscrita em seus corpos, em suas subjetividades e em seus cotidianos prec?rios. Neste paper discuto, com base em um caso etnogr?fico, como a dor/as dores se inscreve(m) nos corpos das ?m?es? e como produzem subjetividades e agenciamentos, enfocando tanto a dor f?sica associada a doen?as como aquelas produzidas pela morte simb?lica do/as filho/s promovida pelo estado ao desqualific?-los como ?bandidos? e traficantes, pelo aviltamento de seus cad?veres em institui??es estatais, e pelo tratamento indigno conferido a elas pr?prias durante os processos judiciais como estrat?gia de deslegitima??o de suas ?lutas?, como indica a literatura. Penso tamb?m uma outra dor relacionada aos ?tr?nsitos religiosos? das ?m?es?. Muitas s?o evang?licas, mas se ?afastam? da igreja em sua milit?ncia, tanto porque suas igrejas n?o aceitam bem a sua ?luta?, como porque a linguagem dominante dos movimentos sociais no pa?s ? a cat?lica. Deste vi?s, discuto se e como o



repertório político da ?luta? vem promovendo a subordinação e o ocultamento do privado sob o público, invisibilizando mais uma dimensão e um sentido dessas dores.



Realização:



Apoio:



Organização:

